



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



MATHEUS ALVES DE CARVALHO

**ENTRE PALAVRAS E DESTINO: O ELOGIO QUE REVELA UM  
PROFESSOR**

CORUMBÁ MS

2024



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**MATHEUS ALVES DE CARVALHO**

**ENTRE PALAVRAS E DESTINO: O ELOGIO QUE REVELA UM PROFESSOR**

Trabalho de conclusão de curso (carta memorial) apresentado como exigência do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Profa. Dra. Rosimara Silva Correia e coorientação do Prof. Dr. Alexandre Cougo de Cougo.

**CORUMBÁ MS**

**2024**

**RESUMO**

O presente trabalho vem apresentar uma carta memorial da minha trajetória de formação, entendendo o memorial como um movimento de pesquisa-formação. Apresento relatos desde a infância no campo, na educação do campo até a vivência na universidade junto aos desafios que um jovem camponês enfrenta na busca por uma educação de qualidade. Diante disso, trago reflexões a respeito dos jovens camponeses estarem deixando o campo por falta de expectativas, por falta de uma educação que atenda o sujeito do campo, reflito ainda acerca da importância do professor na vida do estudante e sobretudo acerca da importância de termos pessoas amorosas ao nosso redor que nos apoiem e nos encham de esperanças.

**Palavras-chave:** carta memorial; direitos; educação do campo; lutas e terra.

## **ABSTRACT**

This work presents a memorial letter from my training trajectory, understanding the memorial as a research-training movement. I present reports from childhood in the countryside, rural education to the experience at university along with the challenges that a young peasant faces in search for quality education. In view of this, I bring reflections about young peasants leaving the countryside due to a lack of expectations, due to the lack of an education that serves the rural subject, I bring reflections about the importance of the teacher in the student's life and above all about the importance of having people around us that supports us and fills us with hope.

**Keywords:** memorial letter; rights; rural education; fights and earth.

**Ao começar esta escrita preciso dizer para quem eu a escrevo, e assim decido.**

Escrevo para todos os jovens pertencentes às lutas de classes, sobretudo à luta pela educação do campo. Aos sujeitos que lutam por seus espaços, por suas educações. Para todos os sonhadores de seus sonhos.

**Onde e o que eu espero que a carta alcance.**

Desejo que esta carta alcance àqueles sujeitos que lutam por suas motivações, para que juntos, possamos construir um mundo mais justo e igualitário. Desejo que alcance todos aqueles que são movidos por inquietações e desejos de mudanças. Desejo que alcance aqueles que sonham por uma educação do campo de qualidade, que respeite os sujeitos do campo, aqueles que sonham por uma educação e uma realidade social que deixem o jovem permanecer no campo, que proporcionem expectativas futuras a esses jovens que a cada dia deixam de acreditar no campo.

**Por que escrever sobre o campo, sua educação e seus sujeitos?**

Escrevo esta carta-memorial com o desejo de trazer o conhecimento da realidade de um jovem do campo, sonhador, que ao longo de sua formação acadêmica, se questionou por diversas vezes acerca da falta de representatividade de jovens camponeses na universidade, tendo em vista que hoje, o campo e seus sujeitos se fazem tão presentes e ativos na cidade, ainda que não o suficiente.

Escrevo sobre o campo pois sou fruto/filho da educação do campo, filho de pais agricultores, que lutaram e lutam pela terra, pelo seu território, pela dignidade de vida na busca incessante pela igualdade de direitos.

Escrevo com o desejo de viver um campo que consiga atender toda a juventude, para que esta não repudie o campo e o troque pela cidade. Escrevo para relatar as minhas motivações enquanto camponês e ao mesmo tempo apresento alguns desafios em busca de uma formação que possa agregar para a transformação e melhorias da minha comunidade.

Escrevo pela inquietação de ver os colegas trocando o campo pela cidade e também me movo pela inquietação de ver tão poucos jovens do campo chegarem à universidade. Evidentemente que isso é reflexo de uma educação moldada por um currículo excludente, um currículo que não é feito para a educação do campo e que não é construído com os sujeitos do campo, logo, não atende integralmente a realidade do campo e das pessoas que ali vivem.

(...) Entretanto, em que pese os avanços configurados na legislação da Educação do Campo as definições e diretrizes curriculares

hegemônicas emanadas do governo Federal e seguidas à risca pelas secretarias estaduais e municipais de Educação têm sido priorizadas. São regulamentações que buscam homogeneizar, submetendo as escolas aos padrões de conhecimentos de caráter impositivo, que expressam as orientações neoliberais de organismos internacionais (Bando Mundial) que buscam disseminar valores, ideologias e práticas que visam socializar e formar crianças, jovens e adultos para aceitação passiva da ordem capitalista. (Batista e Costa, 2021, p. 13)

Contudo, cabe às escolas criarem propostas e projetos que envolvam os princípios da educação do campo, colocando o estudante no centro do conhecimento, com uma educação que não deixe de colocar em evidência a luta pela terra, que trabalhe com os conhecimentos e vivências da realidade do campo.

Uma frase de Paulo Freire (1996, p. 49) me chega agora: “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”. Quando cheguei à universidade, timidamente, fui surpreendido por uma professora que sempre em alguns momentos me usava como exemplo, no sentido de ser do campo, por lutar diariamente para estar presente em todas as aulas, afinal, são 40 km da minha casa até a universidade. Percebi no olhar sensível da professora em valorizar a minha permanência, sobretudo quando estávamos na aula da disciplina chamada Bourdieu e a Educação, houve um momento em que a professora fez uma fala marcante, dizendo, “ (...) nem todos temos as mesmas oportunidades de acesso, permanência e garantia de educação, alguns levam 5 minutos para chegar à universidade, outros levam 30 minutos, uns trabalham e não conseguem ler os textos, outros tem o tempo livre e dedicado somente para o estudo, é papel do professor entender isso e criar uma prática que aproxime o aluno do conhecimento e não o exclua”. Vale ressaltar, que a maioria dos professores e professoras, por serem freireanos e freireanas sempre se movimentaram para nos sensibilizar acerca da importância do ato de leitura, pois Freire enfaticamente em suas obras destaca o compromisso individual de cada pessoa com a busca por conhecimento epistemológico, sendo que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. (FREIRE, 1989)

Outro momento importante foi a vivência proporcionada por uma disciplina intitulada Núcleo de Aprofundamento em Educação do Campo. Destaco aqui minha felicidade ao ver um Núcleo de Estudos da Educação do Campo em um curso de Pedagogia. Em meio aos tantos movimentos formativos, tivemos encontros com professores que atuam na educação do campo, onde esses professores traziam suas experiências em forma de roda de conversa. Em meio às conversas, o professor ministrante da disciplina me apresentava aos professores como sujeito pertencente ao campo, logo, era gratificante ver o sorriso e os olhares dos professores direcionados a mim. Sei que ali, em meio aos brilhos nos olhos dos professores,

se revelava um orgulho de ver um jovem do campo, vencendo os desafios, as adversidades e as estatísticas, prestes a se formar como professor.

É fundamental o campo e seus sujeitos ganharem espaço e destaque nas universidades, contudo, devemos estender esses diálogos reflexivos para além dos sujeitos do campo, não são somente os sujeitos do campo que devem debater sobre ele. Para rompermos barreiras, esses diálogos devem alcançar outros sujeitos, assim como os não moradores do campo precisam estar juntos nos movimentos e lutas. Todos devemos buscar uma sociedade menos desigual e injusta.

Tive alguns desencontros existenciais no decorrer do curso, devido às condições de distância e à necessidade de trabalhar que ocorreram durante o curso, e foram esses movimentos que me convidavam a estar mais ativo no campo e foi a vivência com as crianças do campo que fizeram com que eu me reencontrasse novamente e recriasse o sentido da minha vida.

Quero viver e fazer parte de uma educação do campo que respeite os sujeitos do campo e que os coloque no centro da práxis, dos currículos, dos projetos político-pedagógicos, para que juntos, comunidade e escola, possamos construir uma educação que muda o campo para que os seus sujeitos não mudem do campo.

### **Revisando ainda mais minha história**

Nasci em 06 de novembro de 1999, na cidade de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul. Sou de uma origem humilde, filho de produtores rurais, onde cresci no campo, em um lugar conhecido por Assentamento Taquaral.

Revisando brevemente a história do Assentamento Taquaral, ela tem início no ano de 1985, com o lançamento do Plano Nacional da Reforma Agrária pelo Governo Federal, tendo Mato Grosso do Sul como um dos estados contemplados pelo projeto, diversas famílias e movimentos sociais montaram acampamentos para lutar pelo direito à terra, foi então que nasceu no município de Dourados MS um acampamento com cerca de 189 famílias. Nas palavras de Moreira (2010, p. 29):

Além desse acampamento, havia outros nos municípios de Jateí, Taquarussu, Sete Quedas, Amambaí, Paranhos, Três Lagoas, Eldorado, Bataguassu, Caarapó e Brasilândia, além dos brasiguaios, que também sofriam os mesmos problemas de todas as famílias que lá estavam acampadas. Ou seja, naquele momento o estado estava sofrendo uma transformação na agricultura, e o trabalhador braçal (boia-fria, diarista, empreiteiro, arrendatário), acostumado com o plantio de arroz, feijão, algodão, milho, amendoim, alho, mandioca, estava sendo substituído pelas máquinas agrícolas e por novas

tecnologias, devido ao novo tipo de atividade implantada, como o plantio da soja e a criação do gado de corte, que usariam pouca mão de obra, deixando centenas de famílias desempregadas.

Diante dessa situação, com muitas famílias perdendo oportunidade de serviço para os novos maquinários agrícolas, viu-se a necessidade de conquistar seu pedaço de terra para poder sobreviver. O Assentamento Taquaral foi formado por famílias que vieram do acampamento Santo Inácio no município de Dois Irmão do Buriti MS e por famílias que estavam acampadas também no município de Corumbá MS, as famílias vieram para Corumbá no ano de 1990 e ficaram acampadas na Fazenda Taquaral, no entanto as famílias ainda não podiam explorar a terra.

Contudo, as famílias permaneceram acampadas provisoriamente naquela área, mas sem acesso à terra; não podiam trabalhar na mesma e estavam proibidas de desmatar ou plantar qualquer tipo de cultura. Mesmo assim, foram cultivadas pequenas roças, no meio da mata, pequenas clareiras, feito leras, coivaras, onde plantaram mandioca, milho, abóbora, feijão, mas que eram insuficientes para o sustento daquelas famílias, causando, assim, um ambiente de muita miséria. (Moreira, 2010, p. 30)

Diante de muita luta e reivindicações das famílias acampadas, o INCRA cortou a Fazenda em lotes e no dia 21 de setembro de 1991 fez o sorteio dos lotes para as famílias e assim o Assentamento Taquaral definitivamente ganhou seu território. Conforme os anos se passaram as condições foram melhorando diante da união e sobretudo da luta das famílias.

Voltando a lembrar um pouco da minha história, a infância de toda criança que nasce no campo é voltada para brincadeiras em que a natureza está fortemente presente e a minha não foi diferente; meus amigos e eu brincávamos muito de pega-pega onde corríamos por toda parte, inclusive nos trieiros formados no pasto pela passagem constante do gado. Brincávamos de fazenda: limpávamos uma área no chão e colocávamos pedaços de galhos no chão simulando as cercas e assim construimos nossa fazenda, os animais eram confeccionados de barro, os caminhões eram isqueiros velhos, pois naquele tempo, nossos pais não tinham muitas condições para comprar brinquedos. Ainda não posso deixar de relatar os momentos em que as crianças camponesas ajudam os pais nos afazeres do campo: seja na lida com o gado, na colheita de hortaliças, na irrigação das hortas, no tratar dos animais, entre outras atividades. Eu gostava e ainda gosto muito desses momentos, percebo que, sobretudo na infância, não devem ser considerados como trabalho e sim uma forma de educação não formal, uma ato de manifestação da cultura em que os pais passam seus conhecimentos para os filhos.

Lembro-me do primeiro dia em que fui à escola, chamada Escola Municipal Rural Monte Azul, nesse dia, estava brincando na parte da manhã em casa, quando minha mãe me chamou para tomar banho e almoçar e disse que logo em seguida iríamos passear. Em seguida fomos esperar o ônibus na estrada: quando chegamos na escola, entramos em uma sala na qual havia outras crianças acompanhadas de suas mães. Passamos um determinado tempo brincando com nossas mães, juntamente com o professor, então minha mãe alegou que iria ao banheiro, e de repente todas as mães foram saindo da sala. Neste momento, todas as crianças começaram a chorar, com isso o professor colocou uma música, cantada assim: “A barata diz que tem”. Começamos a nos acalmar e nos entretemos com as brincadeiras do professor. Eu não entendia o porquê de estar ali, mas era divertido e eu gostava.

Iniciei meu processo de escolarização com quatro anos de idade, no pré-I. Ainda na pré-escola, lembro-me que o professor nos levava para a trilha pedagógica, local próximo da escola, onde caminhávamos e explorávamos a natureza, recolhíamos sementes e com elas formávamos as consoantes do alfabeto, recolhíamos folhas secas e fazíamos atividades pedagógicas com a mediação do professor, bem como desenho, colagem das folhas no caderno entre outras possibilidades. Acredito que todos os professores, sejam eles do campo ou não, deveriam proporcionar o contato do estudante com a natureza, explorando, aprendendo e se desenvolvendo a partir da educação ambiental, na sua compreensão holística que busca garantir uma educação de qualidade num espaço seguro que considere todas as dimensões da educação ambiental. Já no segundo ano do ensino fundamental, me recordo da primeira vez em que consegui ler um pequeno texto. A professora pulava de alegria e batia palmas me dando parabéns. Olhei nos olhos dela e eles estavam brilhando, com lágrimas de alegria; a professora se emocionou com todos nós. Agora, depois de ingressar no curso de Pedagogia, procurei essa professora nas redes sociais e contei para ela que eu estava na universidade me formando professor, e percebi a alegria enorme através de suas mensagens repletas de amorosidade; ela disse que estava chorando de emoção ao saber da notícia.

Minha mãe estudou até a terceira série do ensino fundamental e meu pai até a quarta série, então eles sempre lutaram para que eu pudesse estudar. Houve um período em que eu estava na sétima série, neste ano choveu muito, causando um forte alagamento e deixando as estradas (que são de terra) precárias, com isso prejudicou o acesso dos ônibus escolares e as aulas pararam. Passei cerca de um mês sem aula, e meus pais decidiram então me deixar morando com minha tia na cidade para poder estudar.

Percebo a valorização da educação e o desejo de não me deixar distante dos estudos por parte dos meus pais, sempre muito preocupados com a incerteza do retorno das aulas no

assentamento. Como eles tiveram o direito ao acesso da educação negado, então não queriam que os meus estudos fossem interrompidos. O relato dos meus pais acerca da própria escolaridade justifica-se pelo fato da não garantia de vagas em escolas gratuitas e por terem como base uma família grande com muitos irmãos, os seus pais não conseguiam pagar o estudo de todos. Sendo assim, o acesso à educação fora interrompido diante da falta de dinheiro e a necessidade do trabalho para manter o sustento da família.

Quando iniciei os estudos na cidade, me senti desconfortável por ver aqueles adolescentes com comportamentos totalmente diferentes dos nossos do Assentamento, não gostei daquela experiência, pois faziam brincadeiras desagradáveis por eu ser morador do Assentamento, e vi também alunos desrespeitarem os professores, algo que eu nunca havia visto antes. Após alguns meses, depois da união dos moradores dos Assentamentos fazendo reivindicações por melhorias nas estradas, enfim elas foram consertadas, as aulas normalizaram na escola e em seguida retornei ao campo. Desta forma, por eu estar um pouco adiantado em relação aos colegas que não estavam estudando, comecei a ajudar alguns nos conteúdos que eu já havia estudado na escola cidade. Com isso o professor me viu e ouviu ajudar um colega, logo após ele me disse que eu explicava muito bem, e que é assim que se constitui um professor, pela facilidade em explicar um conteúdo deixando claro para o estudante.

Após terminar o Ensino Fundamental, cursei o primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Nathércia Pompeo dos Santos, localizada na região periférica de Corumbá, em um bairro mais próximo do Assentamento, ainda que distante. Meu pai me levava e buscava todos os dias e mesmo fazendo amigos por lá, não consegui me adaptar. No entanto, os professores me marcaram muito. Ainda me lembro de uma aula de Biologia, no qual o professor nos levou na área verde da escola, onde se encontravam algumas árvores, e ele começou a explicar sobre o processo de fotossíntese e regeneração das árvores. O segundo ano do ensino médio cursei em uma escola do campo, chamada Escola Municipal Rural Pólo Paiolzinho. Estudava no período da manhã, o ônibus passava às 05 horas da manhã em frente de casa e chegávamos na escola às 07h30m da manhã. Eu sempre auxiliava meus colegas com relação aos conteúdos de Matemática, Química e Física. Eu possuía um interesse em Química e Física pelo fato de observar os elementos da natureza sob uma perspectiva científica, e assim observamos que para tudo há uma explicação, cada molécula presente possui uma quantidade certa de elementos para compor sua existência e isso me fascinava e como para tudo precisa de cálculos a matemática era um gancho. Certa vez o professor me

observou auxiliando meus colegas e disse que eu explicava bem e que eu seria um bom professor, e lembro que fiquei muito feliz em ouvir aquilo.

Ao terminar o segundo ano do Ensino Médio, comecei a cursar o terceiro ano na mesma escola, no entanto, as aulas eram no período noturno, e nesse período haviam muitos alunos e pouco investimento nos transportes escolares, e por haver muitos alunos as rotas dos ônibus eram muito longas, com isso, sempre chegávamos na metade da segunda aula. Aquela situação me desanimou, porque eu não queria perder aula, e foi então que meus pais me matricularam novamente na Escola Nathércia Pompeo dos Santos. Quando estava no segundo bimestre, vi um anúncio de um curso técnico que o estado estava ofertando na Escola Maria Helena Albaneze, me matriculei e fui selecionado no curso Técnico em Gerência de Saúde. Então, minha jornada diária passou a ser: saía de casa às 12h30m para ir à escola, saía da escola às 17h30m, logo em seguida às 18h30m entrava no curso e saía às 22h30m para retornar para casa no sítio. As minhas refeições eram o almoço antes de ir à escola, depois era o lanche na escola a tarde e depois o lanche a noite no curso técnico. Foi uma experiência cansativa e muito formativa que durou dois anos, no entanto, ao terminar o Ensino Médio a rotina ficou mais tranquila no último do curso, tendo somente o curso técnico noturno para realizar. Escrevi meu TCC do curso técnico abordando como pesquisa o histórico da saúde Brasileira até a implantação do SUS. Busquei também abordar a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) na Terceira Idade, vale ressaltar que obtive nota dez.

Ao concluir o Ensino Médio e o curso técnico, comecei a ajudar meus pais no campo devido a necessidade financeira e isso me distanciou dos estudos. Aos 18 anos servi à Marinha do Brasil e isso tirou meus pais do sufoco e então meu salário passou a ser a fonte de renda de casa. Porém, servi apenas um ano, e novamente os apertos financeiros voltaram, a necessidade de trabalhar me afastou mais ainda dos estudos, e após cerca de cinco meses consegui um emprego. Diante disso, houve um período de estabilidade, pois era possível contribuir com as despesas de casa.

Considero-me uma pessoa de bom coração, gosto de ajudar as pessoas sempre que eu posso, e nesse emprego, eu tinha a função de vistoriar, multar e cortar a ligação de água das pessoas que estavam com violação de ligação, o famoso “gato”. E vistoriava cerca de 50 casas por dia, e ali eu me deparei com várias situações de famílias que sobreviviam com apenas o valor do Bolsa Família e tinham que escolher entre comer ou pagar as dívidas, e isso levava as pessoas a violar a ligação de água. Essa situação mexeu com meu psicológico ao me deparar com a realidade e ver tanta desigualdade social. O que mais me entristecia era ver o tratamento administrativo em relação a quem tinha muito e pouco dinheiro. Essa

situação me levou a um profundo caos interno, pois me perguntava; “Por que as pessoas são tratadas assim?” Não me identificava mais e então meu rendimento na empresa começou a cair, e por conta das situações mencionadas, passei a ser cobrado diversas vezes, mas, não tinha mais força psicológica para prosseguir.

Rememorando um fato deste trabalho, certa vez entrei dentro da universidade para realizar um serviço de manutenção do hidrômetro de água, que estava com vazamento, e durante o serviço comecei a refletir se um dia eu iria entrar em um curso superior. Cada dia que passava essa vontade diminuía por conta de um sistema capitalista que consome as pessoas, e as faz refém do dinheiro, mas ainda sim, eu sabia que para mudar a minha realidade e me sentir realizado, eu teria que cursar o ensino superior.

A educação é fundamental para a transformação social, ou como defendia Paulo Freire (1967), a educação como caminho e busca da prática da liberdade, ou seja, por meio da educação o indivíduo toma consciência da opressão, toma conhecimento de seus direitos e assim pode agir, coletivamente, em busca da transformação. Percebo este movimento nos dias atuais no Assentamento Taquaral, por meio da educação e lutando constantemente por seus direitos, a comunidade está se unindo para buscar a construção de uma escola de ensino médio técnico para atender à comunidade do campo, pois a falta desta etapa do ensino e sobretudo de qualificação profissional está levando os jovens a deixarem o campo. Uma frase muito dita por um professor da Escola Monte azul me surge agora: “Mudando o campo para não mudar do campo”. Esta frase carrega consigo a consciência sobre a opressão e o desejo de transformação, de luta por direitos, de valorização da terra e sobretudo valorização de seus sujeitos.

Foi então que comecei a cair na realidade e me provocar a outros sonhos futuros. Passei a me motivar a estudar e achar um propósito para minha vida, não queria ser apenas um “peão” no meio da sociedade. Certo dia parei no semáforo da rua, olhei ao lado e lá estava um outdoor com um anúncio de uma universidade particular para o curso de Pedagogia, porém, eu não poderia fazer compromissos financeiros, pois a empresa estava prestes a me dispensar.

Após alguns meses, já desempregado e frustrado, fui até a casa da minha namorada, e chegando lá, seu irmão de onze anos veio me pedir ajuda em uma atividade escolar na qual não estava conseguindo desenvolver. Ajudei-o e expliquei tudo detalhadamente, foi quando minha namorada disse: “Você explica muito bem, seria um ótimo professor”. Neste instante, houve um desbloqueio de lembranças repentinamente em minha mente. Lembrei das mesmas

palavras que meu professor havia dito. Senti uma alegria e abri um sorriso de felicidade e alívio por ter encontrado algo que eu gostava e que estava disposto a exercer.

Com isso, por volta de uma semana depois, minha namorada e eu vimos um anúncio nas redes sociais informando que aquele era o último dia das inscrições para o vestibular UFMS 2021. No momento da inscrição, estava com dúvidas entre o curso de Pedagogia e Educação Física, então minha namorada me disse: “Você se dá muito bem com crianças e gosta de brincar com elas”. Algo em mim pulsava mais forte para escolher a Pedagogia e com essa fala fortaleceu ainda mais a minha escolha. Realizei o vestibular, fui aprovado e conquistei a vaga no curso de Pedagogia/Licenciatura- Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

É muito significativo termos ao nosso redor pessoas amorosas, sobretudo relações amorosas que nos estende a mão e nos enche de esperança, essas relações são fundamentais para que nos ajudem a desprendermos de nossas dores nos levando a superação de muitos obstáculos, assim como bell hooks (2021, p. 138) nos relata “No entanto, sei que sobrevivi e prosperei, apesar das dores da minha infância, precisamente porque havia indivíduos amorosos em nossa família estendida que me nutriram e me deram um senso de esperança e possibilidade”. Diante disso, sei que o apoio das pessoas que estiveram ao meu lado me possibilitaram esta bela escolha, pois eles me encorajaram e me apoiaram diante de uma importante decisão. Talvez, se eu estivesse sozinho, não teria trilhado este caminho, que hoje me orgulha e me enche de esperanças.

### **A universidade enquanto experiência e formação.**

Ao ingressar na universidade no início do ano de 2021, muitos medos, desafios e aprendizados caminharam comigo ao longo deste primeiro ano de formação. O primeiro desafio se constituiu ainda na etapa de homologação da matrícula, pois, no Assentamento, sempre sofremos com a falta de internet, e para fazer qualquer coisa que precisasse de internet teria que me locomover até a cidade para realizar, como era um período delicado da Pandemia COVID-19 a universidade não estava atendendo presencialmente e tudo era feito por internet, foi então que se constituiu meus primeiros desafios. Quando soube que teríamos aulas remotas e não haviam previsões para o retorno presencial, me questionei diversas vezes se eu conseguiria participar ativamente de todas as aulas, visto que as faltas também reprovavam. E assim ocorreu, todos os dias tínhamos aulas via google meet, algumas aulas eram no período vespertino e outras no período noturno. Por sorte minha namorada estava morando de aluguel em uma casa na cidade, no bairro Dom Bosco, então, sempre uma hora

antes de começar a aula remota, eu me dirigia de moto até a casa dela para poder assistir às aulas, assim que a aula acabava, eu retornava para o assentamento. Os dias de frio e chuva eram os mais desafiadores, mas a cada aula eu ficava mais fascinado e o desejo por conhecimento era o combustível para vencer todas as dificuldades que permeavam meu caminho. Quando os professores disponibilizam textos para leitura, lá estava eu, indo para a cidade para poder baixar o arquivo e assim fazia quando precisava enviar algum trabalho.

Na metade do segundo semestre do mesmo ano, um vizinho comentou que havia comprado um aparelho wi-fi e que a internet era razoavelmente boa. Neste aparelho, tínhamos que colocar um chip de uma operadora específica e então ele captava o sinal e distribuía. No mês seguinte, quando minha mãe recebeu o pagamento da sua aposentadoria, fez umas economias e fomos comprar o aparelho, se não fosse o apoio dos meus pais, talvez eu não estaria aqui agora, concluindo o curso. O sinal melhorou e permitiu que eu conseguisse assistir às aulas e realizar os trabalhos de pesquisas sem sair de casa. Porém, nos dias de instabilidade climáticas, o sinal ficava instável e com isso eu ainda teria que ir até a cidade nesses períodos. Houve um caso que não me esqueço até hoje: tínhamos uma atividade avaliativa no modelo de seminário, estava marcado para iniciar às 18h30m, quando era 17 horas ficamos sem sinal de internet, fui no meu vizinho e ele disse que também estava sem sinal, com isso, me arrumei rapidamente e fui até a casa da minha namorada, na cidade, para poder apresentar o seminário. Resumo este primeiro ano em três palavras: coragem, desejo e persistência.

No segundo ano de formação, graças ao combate à COVID-19, foi possível termos aulas presenciais, mas com todas as medidas de cuidados possíveis. Agora, meu percurso viria a aumentar significativamente, saindo do Assentamento para chegar até a universidade, as aulas variavam entre vespertinas e noturnas, as aulas noturnas acabavam entre 21h30m e 22h30m, os professores se sensibilizavam diante dos perigos noturnos da cidade. Já passei por tantas aventuras, por exemplo: pneu furar indo para a universidade, gasolina acabar no meio do percurso, chuva, frio e não pode faltar o sol e calor intenso de Corumbá. A cada período da faculdade eu percebia o impacto da formação em relação ao meu modo de olhar a vida: percebia a mudança positiva que essa experiência estava me proporcionando, percebia a mudança da minha percepção de mundo e de sociedade e o melhor de tudo, era apenas o começo da minha formação.

É muito significativo para nossa formação os movimentos entre teoria e prática que a universidade nos promove e nos coloca a viver e refletir, o que chamamos de práxis, segundo Paulo Freire (1996, p. 13) “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da

relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo”. Assim se constitui a formação de um bom profissional, sobretudo um profissional da educação, o entrelaçamento entre teoria e prática que nos constituem e nos levam a uma reflexão crítica acerca do nosso fazer pedagógico. No segundo semestre de 2022, após a primeira vivência na escola, tive essa experiência, pude refletir sobre a escola que vivi como aluno e a escola que encontrei enquanto professor em formação. Diante disso, refleti sobre como e que tipo de escola eu gostaria de proporcionar para as futuras gerações do campo.

Os movimentos formativos da universidade me constituíram e me constituem um professor e um ser humano melhor, as aulas dialógicas e reflexivas me aproximaram do conhecimento livre de preconceitos, ali, o único objetivo é a busca pela transformação do mundo, menos injusto em busca de uma educação de máxima qualidade para todos e todas, num ambiente seguro e livre de violência.

No início do primeiro semestre de 2023, começou-se um movimento de diálogo no assentamento, com a ideia de pensar e lutar pela construção da Escola Família Agrícola Agroecológica do Pantanal (EFAAP), que vai ser uma escola de ensino médio técnico, que tem por base, a pedagogia da alternância de Paulo Freire. Diretamente preocupados com a desvalorização dos assentamentos de acordo com coletas prévias de informações, foi identificado um dado alarmante mostrando que essa desvalorização causou nos últimos dez anos a evasão de cerca de 2,2 mil jovens do pantanal que trocaram o campo pela cidade.

As “Escolas Família Agrícolas” (EFA) possuem um papel fundamental na formação de um jovem camponês, que muitas vezes devido a uma educação urbana e poucas perspectivas futuras em relação ao trabalho, acabam de certa forma repudiando o campo. O intuito de uma EFA é criar oportunidades de formação científica e tecnológicas que aproximem o jovem da sua realidade, fazendo-o pensar em possibilidades futuras e melhorias para a sua região, formando o jovem do e para o campo. Diante disso, tenho a honra de compor a Associação da Escola Família Agrícola Agroecológica do Pantanal (AEFAAP) e fazer parte dessa luta por uma escola que está sendo pensada com os sujeitos do campo, pois a comunidade do campo também está sendo convidada a participar dessa luta. O movimento de luta constante faz parte do meu cotidiano e me impulsiona a continuar.

### **Reflexões finais: sonhos e transformação**

Destaco, para finalizar, que tenho como objetivo e sonho retornar como professor para a minha escola de origem Escola Monte Azul, a escola que eu tanto amo, a escola que ensinou os valores que eu carrego. Quero fazer parte da trajetória das crianças e adolescentes

do campo em que vivo, quero me tornar um professor marcante na vida delas, pois, tenho a certeza que o professor tem a capacidade de mudar o mundo, uma vez que a educação transforma. Com apenas 20 anos de idade tive a experiência de conhecer cada família que visitei no decorrer do trabalho, e vi a desigualdade e o descaso que nos cerca, pessoas se calando por não serem conhecedoras de seus direitos. A princípio, foi uma experiência ruim, mas hoje tenho gratidão, porque isso me motivou a lutar por um mundo melhor, e busco essa mudança por meio da Educação.

Meus pais sempre lutaram e ainda lutam pela terra, pela dignidade de vida, pela educação e igualdade de direitos, e quando pequeno eu admirava muito esses movimentos, e hoje faço parte ativamente deles. Todos esses anos de luta por uma educação de qualidade me ensinaram ainda mais a valorizar a educação e agora, tenho o desejo incessante de garantir que outros jovens tenham uma educação de qualidade dentro do campo e que não precisem trocar o campo pela cidade. Tenho orgulho de fazer parte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com a certeza de que me formei na melhor Universidade do Mato Grosso do Sul, com excelentes professores que também buscam a transformação social por meio da educação de qualidade livre de preconceitos e violências.

Agora, me despeço dessa Carta-Memorial, que propiciou relembrar e sentir saudades dos inúmeros momentos que a Universidade me proporcionou. Tenho a certeza que esta formação tão rica em afetos, respeito, amorosidade e comprometida com o desejo de transformação da educação, farão toda a diferença na minha atuação enquanto futuro professor da educação do campo. Superar os desafios e adversidades me constituem hoje uma pessoa mais forte, a palavra que encontro para todas as pessoas, professores que fizeram parte do meu processo de formação é gratidão.

Despeço-me com a certeza que sou um estudante do campo que se formará professor sem sair do campo e atuará como professor do campo na luta por igualdade de direitos e fortalecimento do campo, vislumbrando uma sociedade mais humana e digna para todos e todas.

## Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

MOREIRA, Jairto Saraiva. **Professores do Assentamento Taquaral: A trajetória de luta pela terra e educação**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. 1. ed. São Paulo: Elefantes, 2021.

COSTA, L. M; BATISTA, M. S. X. O Currículo na Perspectiva da Educação do Campo: contraponto às políticas curriculares hegemônicas. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2021. ISSN1983-1579. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>.> Acesso em 05 jan. 2025.